Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade
Igarapé ISSN 2238-7587

As narrativas do Curupira da comunidade de Nazaré

The Curupira narratives of the Nazaré community

Matheus Faustino Pedrosa[1]

Resumo: Este estudo objetiva analisar as narrativas e representações do Curupira na comunidade ribeirinha de Nazaré, situada às margens do Rio Madeira, no estado de Rondônia. Para isso, o objeto de estudo é formado pelos registros presentes na obra *Mito e identidade em Nazaré – RO* (2020), de Simone Norberto, e pelo texto e pintura em tela de autoria do artista Zezinho Nogueira, presentes na Casa de Cultura Guerreiros da Amazônia, um centro de preservação da memória e cultura localizado na comunidade de Nazaré. O estudo foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica a partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada na análise das narrativas que compõem o objeto de pesquisa. Para isso, foram utilizados os aportes teóricos de João de Jesus Paes Loureiro (2015) e Raymundo Heraldo Maués (2012), para formar uma concepção de encantados e das culturas ribeirinhas amazônicas, como a de Nazaré. As análises são conduzidas com base nos ensinamentos de Paul Zumthor (1993) sobre a oralidade. As contribuições do folclorista Câmara Cascudo (1998) foram utilizadas como referencial histórico das narrativas sobre o Curupira, no entanto, este estudo rejeita a fixação de uma classificação folclórica das narrativas analisadas. Os resultados apontam para uma presença indelével das narrativas do Curupira na memória coletiva e na vivência cotidiana da comunidade.

Palavras-chaves: Curupira; Encantados; Tradição Oral; Comunidade Ribeirinha; Cultura Amazônica.

Abstract: This study aims to analyze the narratives and representations of the Curupira in the riverside community of Nazaré, located on the banks of the Madeira River in the state of Rondônia, Brazil. The object of study comprises records found in *Mito e identidade em Nazaré – RO* (2020) by Simone Norberto, as well as the text and canvas painting by the artist Zezinho Nogueira, both housed at the *Casa de Cultura Guerreiros da Amazônia*, a center dedicated to the preservation of memory and culture in the community of Nazaré. This research was conducted through a bibliographic review, employing a qualitative and interpretative approach based on the analysis of the narratives that constitute the object of study. The theoretical framework is grounded in the contributions of João de Jesus Paes Loureiro (2015) and Raymundo Heraldo Maués (2012) to construct a conception of *encantados* and Amazonian riverside cultures, such as that of Nazaré. The analyses are guided by Paul Zumthor's (1993) studies on orality. The contributions of folklorist Câmara Cascudo (1998) provide a historical framework for narratives about the Curupira; however, this study explicitly rejects any rigid categorization of these narratives as folkloric. The results indicate the indelible presence of Curupira narratives in the collective memory and daily life of the community.

Keywords: Curupira; Encantados; Oral Tradition; Riverside Community; Amazonian Culture.

Introdução

O Curupira é um personagem consagrado nas lendas e no imaginário brasileiro e, nessas categorias, está entre os personagens mais populares e emblemáticos. As narrativas sobre ele foram repassadas ao longo dos séculos pela tradição da oralidade e posteriormente pela escrita,

[1] Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia. Membro do Grupo de Pesquisa em Culturas, Literaturas e Amazônias – GPCLAM/UNIR/CNP'q. E-mail: matheusfaustino@live.com. Orcid: https://orcid.org/0009-0001-1473-4502

o Curupira inspirou diversas narrativas de ficção na literatura, no cinema e seriados desta era do *streaming*, atravessando os gêneros e meios narrativos e se consagrando no imaginário da cultura brasileira de forma ampla.

Este personagem que ocupa seu espaço na oralidade, na literatura escrita, nas canções populares e no audiovisual, tem suas origens nas culturas dos povos indígenas e por eles foi repassado às demais comunidades tradicionais da Amazônia, onde o Curupira assume sua posição entre os encantados, no panteão amazônico.

Em sua maioria, as narrativas sobre o Curupira se alinham ao que Câmara Cascudo (1898 – 1986) apresenta no *Dicionário do folclore brasileiro* (1954). O Curupira é apresentado como um guardião da floresta, um ser antropomorfo, de baixa estatura, cabelos vermelhos e pés virados para trás, que confunde os caçadores.

As comunidades ribeirinhas pertencem aos povos tradicionais amazônicos que vivem, geograficamente, às margens dos rios e, em um contexto sociopolítico, às margens do Centro. Os povos ribeirinhos são marcados pela forte herança cultural indígena, que orienta em grande parte sua forma de viver e sua cosmovisão. Nesse sentido, os ribeirinhos receberam dos indígenas a narrativa do Curupira, não como um personagem reservado ao imaginário, mas como um sujeito com quem dividem a região das matas e a floresta.

Em Nazaré, uma comunidade situada às margens do rio Madeira, há um centro de preservação da cultura e da memória chamado Casa de Cultura Guerreiros da Amazônia. O local é presidido por José Vidal Nogueira, popularmente conhecido como Zezinho Nogueira, um artista e ex-seringueiro, filho de um falecido soldado da borracha. Lá, Zezinho exibe esculturas, pinturas e panfletos que celebram a memória da cultura local e dos soldados da borracha, nome dado aos seringueiros que trabalharam arduamente na Segunda Guerra Mundial, enganados por falsas promessas de compensação e equiparação feitas pelo Governo Federal. Dentre as artes exibidas no local, está um quadro do Curupira acompanhado por um panfleto que conta sua história.

A narrativa do Curupira contada por moradores da comunidade de Nazaré também pode ser lida na obra *Mito e identidade em Nazaré – RO* (2020), da pesquisadora Simone Norberto. Na obra, a autora apresenta transcrições de gravações de narrativas contadas por moradores da comunidade.

Essas histórias fazem parte da memória individual e coletiva da comunidade, da qual a figura do Curupira faz parte, na qualidade de encantado. No entanto, este estudo não propõe

fixá-las a quaisquer definições ontológicas e epistemológicas, como as diversas concepções de mito, mas as analisa tão somente enquanto narrativas que formam e são formadas por uma comunidade, no sentido que, assim como as narrativas são influenciadas pelo meio, elas o influenciam de volta.

O objetivo deste estudo é analisar as narrativas e identificar as transformações e possíveis adaptações da representação do encantado, especialmente quando trazida para o contexto de Nazaré e dos seringueiros. Para isso, foi feita uma revisão bibliográfica a partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada na análise de narrativas coletadas na comunidade ribeirinha de Nazaré. O corpus é composto pela história e pintura em quadro do Curupira divulgadas na Casa da Cultura Guerreiros da Amazônia e complementado pelos relatos registrados na obra *Mito e identidade em Nazaré – RO* (2020), de Simone Norberto.

Ao leitor, é imperioso considerar que as histórias que formam o corpus deste estudo pertencem a um espaço poético e mítico situado nos entremeios da literatura e da historiografia.

1 O Curupira de Nazaré

Para entrar na comunidade de Nazaré, é preciso ir de barco e atracá-lo na margem do rio Madeira, para só então subir o barranco íngreme, e por vezes escorregadiço, a depender da estação do ano. Logo após a subida, depara-se diretamente com a rua principal da comunidade, lá, ao lado direito de quem chega, é possível ver uma edificação de madeira com o nome Casa da Cultura Guerreiros da Amazônia, onde estão exibidas as esculturas e pinturas de autoria de Zezinho Nogueira, que contam as histórias e tradições da cultura ribeirinha e dos soldados da borracha.

Neste local, encontra-se um quadro do Curupira, pintado por Zezinho, acompanhado de um texto que narra sua história, conforme era contada entre os soldados da borracha.

O *Dicionário do folclore brasileiro* (1998) , de Câmara Cascudo, registra a figura do Curupira como "representado por um anão, cabeleira rubra, pés ao inverso, calcanhares para frente" (Cascudo, 1998, p. 332). No entanto, o autor destaca que a aparência do Curupira é narrada de formas distintas em algumas regiões da Amazônia, chegando a ter longas orelhas, pênis imenso, corpo cabeludo, calvo, dentes azuis, entre outras variações.

Embora Câmara Cascudo tenha registrado que este personagem é apresentado de diversas formas, com características físicas que variam a depender da localidade, a representação encontrada em Nazaré permanece ímpar.

A pesquisadora Simone Norberto coletou registros de narrativas sobre o Curupira, que estão em seu livro *Mito e identidade em Nazaré – RO* (2020). Essas narrativas foram coletadas mediante entrevistas, que registram artefatos culturais até então transmitidos somente pela oralidade, uma característica da cultura ribeirinha pontuada por João de Jesus Paes Loureiro:

> No ambiente rural, especialmente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes da sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada (Loureiro, 2015, p. 77).

Assim, as narrativas sobre o Curupira são repassadas pela tradição da oralidade e renovadas por meio das novas experiências da comunidade com o encantado. As narrativas trazidas por Simone Norberto podem ser divididas em dois grupos, de acordo com a relação dos narradores com o evento narrado.

No primeiro grupo, estão os narradores fonte, pessoas que tiveram experiências de contato direto com o Curupira ou atribuídas a este encantado.

O segundo grupo de narradores é formado por membros da comunidade, amigos e familiares de pessoas que tiveram contato com o Curupira, e agora repassam suas histórias.

Em dado momento, Simone observa que dois sujeitos estão contando a mesma história: a do caçador que matou uma anta que o Curupira usava como montaria. O primeiro é neto do caçador, a fonte. Já o segundo não é familiar, mas afirma ter escutado a história da mesma fonte. Ao passo que a autora comenta que "quem conta um conto, aumenta um ponto" (Norberto, 2020, p.150), e que este outro narrador da comunidade "alude ao caso com cores bem mais fortes" (Norberto, 2020, p. 150). Isso, porém, não significa que o segundo narrador tenha alterado a história. A mesma narrativa deve ter sido contada repetidas vezes pela própria testemunha e pelos demais moradores. Há, ainda, um terceiro narrador que reconta a mesma história, com pequenos detalhes diferentes, e cuja relação com a fonte não pode ser identificada.

As tradições orais, como a contação de histórias, são algo que não pode ser reproduzido de forma idêntica. Paul Zumthor explica:

> Veiculadas oralmente, as tradições possuem, por isso mesmo, uma energia particular – origem de suas variações. Duas leituras públicas não podem ser vocalmente idênticas nem, portanto, ser portadoras do mesmo sentido, mesmo que partam de igual tradição. Suas variantes são às vezes pouco perceptíveis, e seus efeitos sobre a estabilidade do arquétipo, mal observáveis nas durações curtas (Zumthor, 1993, p. 143)

As múltiplas versões e a renovação das experiências constituem facetas de uma narrativa que faz parte de uma tradição não estática, mas em movimento e por isso viva na comunidade.

As versões se complementam e revelam uma característica do Curupira nas narrativas locais que foi bem pontuada pela pesquisadora: "O problema para quem vive no ambiente da floresta não é caçar, mas caçar por prazer, sem respeitar uma regra essencial, não desperdiçar o alimento" (Norberto, 2020, p. 151-152). Este teria sido o erro do caçador, que teve sua história repassada por diferentes narradores, sua experiência constitui uma lição que influencia a comunidade até os dias atuais e define seus valores.

2 Corpo e gênero

Um aspecto característico da forma como o Curupira é representado nas narrativas de Nazaré diz respeito ao seu corpo preto e à sua cabeleira escura. Simone Norberto sugere que tenha havido uma fusão entre as narrativas[2] do Curupira e do Saci: "Ao contrário de outros locais na Amazônia, onde o Curupira é identificado como um indiozinho de pés para trás e cabelos vermelhos, em Nazaré a fusão com o Saci é mais popular" (Norberto, 2020, p. 145).

Além disso, a pesquisadora questiona os efeitos do colonialismo sobre a narrativa e sua demonização: "O mito primitivo que representava a proteção à floresta para os índios é transformado, ao gosto do colonizador, em demônio tentador e malfeitor" (Norberto, 2020, p. 144). A autora retoma a crítica ao afirmar que "O negro demonizado é uma das constantes na literatura eurocentrista, numa clara posição colonialista de encarar o colonizado como mal, inferior, subalterno" (Norberto, 2020, p. 148).

A hipótese da autora ganha força quando lembramos que Câmara Cascudo citou o relato de uma carta na qual o padre José de Anchieta afirma "há certos demônios e que os brasis chamam corupira, que acometem aos índios muitas vezes no mato, dão-lhe de açoites, machucam-nos e matam-nos" (Cascudo, 1998, p. 132).

No entanto, ainda que as narrativas de Curupira coletadas em Nazaré possam ter sido influenciadas pelo colonialismo, estes efeitos se mostram limitados quando descobrimos que,

[2] Falo em fusão entre as narrativas e não entre os sujeitos, pois isso é algo que a pesquisadora Simone Norberto comenta "Não se trata de uma fusão, mas de diferentes nomes para o mesmo mito. Para os narradores, pela naturalidade com que mudam de nome ao referir-se ao ser protetor das matas, o que importa é justamente a função" (Norberto, 2020, p. 155).

na comunidade, o encantado recebe o título de Mãe da Mata, o que Norberto chamou de "conversão da lenda em divindade feminina da floresta" (Norberto, 2020, p. 145).

A Mãe da Mata, por sua vez, constitui uma outra entidade do panteão amazônico, conforme registra Yaguarê Yamã, em *Urutópiag – A espiritualidade amazônica* (2023). Yaguarê é indígena da etnia Maraguá, é autor, professor e pesquisador, em sua obra, explica que as Mães da Mata são entidades que protegem a natureza junto com os Curupira, mas que não possuem corpo físico (Yamã, 2023, p. 172). Logo, o título de Mãe da Mata e o gênero feminino atribuído ao Curupira reforçam a confluência de narrativas mencionada anteriormente em relação ao Saci.

A representação do Curupira como uma entidade feminina não é exclusiva de Nazaré. O antropólogo Raymundo Maués relata que:

> Nas crenças populares amazônicas há duas categorias de encantados: do fundo e da mata. Estes últimos têm escassa importância na região do Salgado, onde também a mata é pouco importante, reduzindo-se apenas a duas personagens, referidas como "anhanga" e "curupira" (sempre no gênero feminino, diferentemente do que ocorre no uso comum, em português) (Heraldo Maués, 2012, p. 20)

Apenas para contextualizar o leitor, a região do Salgado, citada por Maués, refere-se a uma parte do litoral do Pará. Observa-se que, na região, o Curupira também recebe o gênero feminino.

No entanto, algo que notei é que, embora o Curupira receba esse título feminino de Mãe da Mata em algumas narrativas coletadas na comunidade de Nazaré, o encantado é narrado com uma aparente fluidez de gênero, conforme vemos neste relato atribuído a José Nogueira Leite[3]:

> Eu só vi os olhos dele assim ficou, acabou-se. Num parecia que nunca existiu nada [...] Ele era meio moreno, é moreno, o cabelo assim bem na costa [...] Sumiu ali, mas eu acho que ele tava enxergando nós, porque arrupiava [...] Quando não, lascava cada um grito hiiiii, hiiiiiii, na mata, na mata de noite. (E o que era esse grito?) A Mãe da Mata, a Curupira. Ela gritava era, batia sapopema [...] nós tirava o tabaco da bolsa e botava pra lá. Pois ela pegava da vasilha que nós deixava o tabaco. Ela varava lá na picada do nosso caminho e botava, nós botava, "tá aqui o tabaco pra ti". Quando nós chegava não tava mais o tabaco. Ela levava, era. (Norberto, 2020, p. 144).

No início, o narrador se referia ao Curupira no gênero masculino, porém, ao final de sua história, o gênero se modifica para o feminino. Além disso, a narrativa apresenta o Curupira

[3] Não confundir com o artista José Vidal Nogueira, responsável pela Casa da Cultura Guerreiros da Amazônia.

como um personagem dotado de habilidades sobrenaturais, sem, no entanto, encaixá-lo em uma cosmovisão judaico-cristã, conforme identificamos nos relatos do padre José de Anchieta que o classificou como um demônio.

3. Guardião da natureza e dos valores da comunidade

Se o Curupira das narrativas coletadas em Nazaré faz algum mal a um humano, isso ocorre como punição pelo desrespeito à natureza. Assim, o Curupira atua como guardião da natureza e, ao mesmo tempo, suas histórias são ferramenta de manutenção e preservação dos valores da comunidade.

Dentre as punições causadas pelo Curupira nas narrativas, destacam-se: a confusão de espaço e tempo; o medo como trauma e como remorso, um calafrio que indica a presença do Curupira, há relatos de caçadores que nunca mais tiveram coragem de entrar na mata; as chagas e, em alguns casos, a morte.

Apesar de os registros históricos apontarem para uma demonização do Curupira por parte do colonialismo, em Nazaré as narrativas analisadas parecem ter descartado esse aspecto demoníaco, reflexo de uma cosmovisão judaico-cristã dualista que divide o mundo em natural e sobrenatural e, o sobrenatural, por sua vez, entre luz e trevas.

Configuradas sob a cosmovisão dos povos tradicionais da Amazônia, as narrativas destacam o papel do encantado na proteção da floresta e dos seres que nela habitam, bem como o aspecto barganhador do Curupira, sem situá-lo em um espectro cósmico de luz e trevas. O Curupira protege a floresta, mas isso não faz dele uma espécie de anjo; ele pune, até mesmo com a morte, os homens que exploram a natureza de forma desmedida, mas isso também não faz dele um demônio.

É imprescindível para a compreensão da representação do Curupira nas narrativas de tradição ribeirinha reconhecer o contexto cultural dessas comunidades. João de Jesus Paes Loureiro explica que:

> A cultura do mundo rural de predominância ribeirinha constitui-se na expressão aceita como a mais representativa da amazônica, seja quanto aos seus traços de originalidade, seja como produto da acumulação de experiências sociais e da criatividade dos seus habitantes. Aquela em que podem ser percebidas, mais fortemente, as raízes indígenas e caboclas tipificadoras de sua originalidade, florescentes ainda em nossos dias (Loureiro, 2015, p. 77).

Sob a influência dessas raízes indígenas e caboclas, as culturas ribeirinhas apresentam uma cosmovisão mais próxima da dos povos originários, preservando um distanciamento do dualismo moral da cosmovisão cristã, o que permite a presença de encantados dotados de uma subjetividade que não se vincula a um bem ou mal cósmicos como céu e inferno, anjos e demônios, tal qual sugeriu o padre José de Anchieta. A subjetividade moral do Curupira não orbita em torno de um motivo antropocêntrico, que prioriza o ser humano em detrimento da natureza, mas se aproxima do animismo das culturas indígenas, valorizando a vida e a natureza de forma mais ampla.

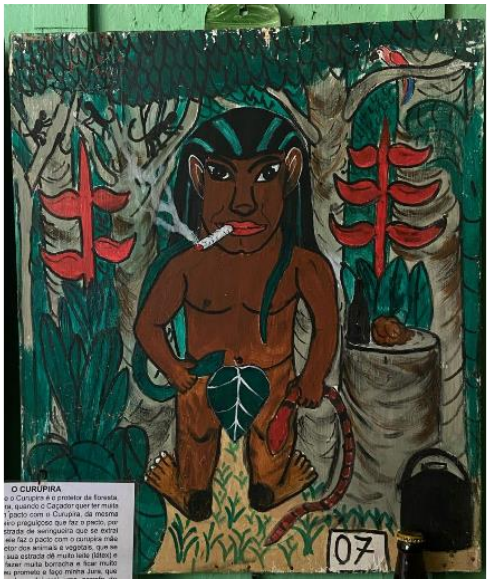
A história do caçador que matava por prazer e matou a anta que o Curupira montava se tornou uma história de advertência para a comunidade. Ele foi punido com chagas e feridas pelo corpo que o levaram a morte, mas não sem que antes ele contasse sua história. Narrativas como essa preservam uma cultura de harmonia com a natureza e freiam os avanços da mentalidade capitalista exploratória, que a cultura urbana tenta impor sobre a comunidade.

4. O Curupira e os seringueiros

A compreensão da representação do Curupira visto nas narrativas orais da comunidade de Nazaré ilumina a leitura da narrativa trazida por Zezinho Nogueira na Casa da Cultura Guerreiros da Amazônia.

A seguir, vemos uma imagem da pintura acompanhada pela história narrada pelo artista Zezinho Nogueira:

Figura 1. O Curupira, de Zezinho Nogueira



Fonte: Casa da Cultura Guerreiros da Amazônia

> Reza a lenda que o Curupira é o protetor da floresta, da fauna e da flora, quando o caçador quer ter muita sorte, ele faz um pacto com o Curupira, da mesma forma o Seringueiro preguiçoso que faz o pacto, por exemplo: uma estrada de seringueira que se extrai de 10 a 12 litros, ele faz o pacto com o Curupira mãe da floresta e protetor dos animais e vegetais, que se ele fizer com que sua estrada dê muito leite (látex) e que ele consiga fazer muita borracha e ficar muito rico, prometia: "eu prometo e faço minha Jura, que nesse mesmo local eu deixarei uma garrafa de cachaça, charuto e muito tabaco" e nisso se fazia o pacto, o seringueiro fazia muita borracha de 20kg começava a fazer 80kg e ficava muito rico. Muitos fizeram esse pacto e voltaram para o seu estado de origem no Nordeste, mas esquecendo-se de cumprir o pacto, então o Curupira ia atrás deles para conversar e depois os matava. Isso aconteceu nos estados do Nordeste, confirmado por vidente na Amazônia e os que permaneceram aqui ficaram ricos e donos de seringais, alguns viraram Barões da Borracha.

O primeiro ponto que destaco nessa história é o movimento de aproximação no decorrer da narrativa. O autor inicia com a expressão "Reza a lenda", que, embora seja um mecanismo narrativo popular, indica um aparente distanciamento entre o narrador e a figura do encantado, situando o Curupira em um tempo mítico distante. No entanto, percebe-se que a partir do momento em que fala dos seringueiros, há uma aproximação gradual do ponto de vista do narrador, que tece a narrativa do campo do lendário para o regional, local e, por fim se converte em testemunha dos efeitos das ações do Curupira que marcaram a comunidade: "os que ficaram aqui ficaram ricos".

Algumas características populares do Curupira permanecem, outras foram adaptadas. Zezinho descreve o Curupira como "mãe da floresta" e, logo em seguida, "protetor dos animais", evocando o fenômeno da fluidez de gênero que observamos nas narrativas presentes na obra de Simone Norberto. A função de "mãe da floresta" pode ser uma variação do título de "Mãe da Mata" identificado nas narrativas analisadas anteriormente, e que remete a uma confluência de narrativas com outro encantado do panteão amazônico.

Curiosamente, os pés virados para trás são uma das características mais populares do Curupira, a qual foi omitida de várias narrativas coletadas por Simone Norberto na comunidade. Da mesma forma, não aparece no texto de Zezinho, porém, o artista reproduziu esse aspecto físico na pintura a óleo, confirmando sua presença na tradição local.

No quadro, o artista incluiu a cachaça e o tabaco, símbolos das oferendas que os seringueiros realizam para selar seu pacto com o encantado. O Curupira aparece segurando uma cobra coral, animal peçonhento, representação da proteção concedida ao seringueiro.

O pacto descrito por Zezinho é o grande diferencial da narrativa e alude às oferendas tradicionalmente associadas ao Curupira, que são feitas em troca de uma passagem tranquila pelas matas. Para Câmara Cascudo, o Curupira é o único ser mítico conhecido desde os tempos do Brasil colonial a receber oblações ou oferendas propiciatórias (Cascudo, 1998). O que chama a atenção nesse pacto é a criação de um vínculo entre o seringueiro e o Curupira.

Tradicionalmente conhecido como protetor da floresta e inimigo de caçadores e dos que desmatam, o Curupira, nesta narrativa, oferece um caminho de convivência harmônica com os seringueiros, embora preserve o aspecto vingativo diante daqueles que quebram o juramento e rompem o pacto celebrado na floresta.

5. Limitações

É preciso considerar ainda que nem todos os sentidos e significados presentes na tradição ribeirinha de Nazaré e na sua experiência com o Curupira podem ser transportados para este estudo, uma vez que se trata de uma tradição repassada por meio da oralidade.

Assim, embora o *corpus* deste estudo contemple as transcrições dos relatos dos moradores da comunidade e o texto e imagem do quadro expostos na Casa da Cultura Guerreiros da Amazônia, há aspectos da memória coletiva da comunidade presentes na contação de histórias dos moradores e do guia e anfitrião da Casa da Cultura, Zezinho Nogueira, que são transmitidos pela oralidade e que não são transportados para o texto escrito. Paul Zumthor comenta esse aspecto da transmissão por meio da oralidade comparando-o com a experiência proporcionada pelo texto escrito:

> Uma mensagem escrita, oferecida à vista, triunfa sobre a dispersão espaciotemporal por extensão, por prolongamento, de tal modo que cobre essa dupla duração e se dilata com ela, se for o caso. Uma obra vocal tende ao mesmo fim por meios contrários: reduz a duração à iteração indefinida de um momento único; o espaço, à unicidade figurada de um só lugar afetivo (Zumthor, 1993, p. 140).

Dessa forma, os visitantes da Casa da Cultura Guerreiros da Amazônia são presenteados com um artefato cultural único: a história do Curupira ganha vida e se expande nas palavras de Zezinho Nogueira, que oferece uma performance narrativa ainda mais rica de detalhes, conduzindo os ouvintes pelo imaginário mítico e poético da cultura ribeirinha, uma experiência com nuances que não podem ser transportadas em sua integralidade para o texto escrito.

Nesse sentido, assevera-se a importância de preservar não apenas as tradições, no sentido das crenças da cultura local, mas a própria tradição da oralidade.

Considerações Finais

As narrativas sobre o Curupira contadas na comunidade de Nazaré apresentam características próprias, que podem ser interpretadas como resultado de um atravessamento ou por uma confluência de narrativas de outros encantados, a exemplo do Saci e das Mães das Matas.

As narrativas transmitidas pela contação de histórias e pela oralidade, em Nazaré, são marcadas pela representação de um Curupira predominantemente negro, de baixa estatura, com cabelos escuros, pés virados para trás e de gênero indefinido, que pode ser descrito como masculino ou feminino.

Quando observamos a narrativa presente na Casa da Cultura Guerreiros da Amazônia, contada por Zezinho Nogueira, identificamos novas práticas atribuídas ao Curupira que preservam as características tradicionais do personagem nas demais narrativas populares. Desde os primeiros registros deste encantado, ele é conhecido por receber oblações, ofertas, em troca de passagem segura pelas matas.

A relação do Curupira com os seringueiros aponta para uma possibilidade de convivência harmônica e mutuamente benéfica entre homens e encantados.

O Curupira tem um lugar bem marcado na memória coletiva da comunidade e faz parte da vivência dos que frequentam as matas, não como uma figura distante, mas como um coabitante da floresta.

A tradição oral e a contação de histórias preservam essas narrativas que, por sua vez, mantêm vivos os valores da comunidade. Há uma dinâmica de influências, os narradores, enquanto membros da comunidade, influenciam as narrativas e as narrativas influenciam a comunidade. Alguns estudiosos alertam que essa dinâmica pode gerar um afastamento do mito original e eventualmente provocar mudanças na comunidade. Entretanto, em Nazaré, as narrativas do Curupira não estão acorrentadas a um tempo mítico da memória coletiva da comunidade, mas se renovam a cada novo relato.

Este estudo só foi possível graças ao esforço e contribuições do artista Zezinho Nogueira e da pesquisadora Simone Norberto, que atuam como agentes da preservação da memória. Essa preservação da memória depende do fomento do poder público para a arte, a cultura e a pesquisa

acadêmica. Leis de incentivo como a Aldir Blanc, Paulo Gustavo e Rouanet ainda esbarram em um problema que é a excessiva burocratização dos processos de seleção, que afastam trabalhadores da cultura de zonas rurais ribeirinhas.

Referências

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

HERALDO MAUÉS, Raymundo. **O simbolismo e o boto na Amazônia**: religiosidade, religião, identidade. História Oral, *[S. l.]*, v. 9, n. 1, 2012. DOI: 10.51880/ho.v9i1.187. Disponível em: https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/187. Acesso em: 27 fev. 2025.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: Uma Poética do Imaginário. Belém: Valer, 2015.

NOGUEIRA, Zezinho. **O Curupira**. Localização: Casa da Cultura Guerreiros da Amazônia. Porto Velho, Rondônia Fotografia de Matheus Pedrosa, 2024.

Norberto, Simone. **Mito e identidade em Nazaré – RO**: uma leitura pós-colonial das manifestações culturais de uma comunidade ribeirinha. 1ª ed. Porto Velho: Temática, 2020.

YAMÃ, Yaguarê. **Urutópiag**: A espiritualidade Amazônica. 3ª ed. Lorena: Uk'a, 2023.

Zumthor, Paul. **A Letra e a voz**: a literatura medieval. Tradução: Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.